

ELOGIO DA VELHICE: PERCEPÇÕES SOBRE O CORPO IDOSO NO BRASIL

Valmir Moratelli¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir a construção social da velhice no Brasil, a partir do levantamento de alguns relatos históricos que contribuem com a análise da evolução da expectativa de vida. Desse modo, pretende-se levantar aspectos da dominação do corpo idoso em uma sociedade historicamente desigual. Traz-se ainda uma pesquisa sobre os elogios referidos aos idosos, como forma de exemplificar seu lugar social almejado e a forma como eles se veem na marcação de identidade e posicionamento perante os demais grupos etários. Conclui-se que sua posição de produtividade consegue superar a crítica sobre fatores físicos que marcam representação da velhice.

Palavras-chave: Velhice; Corpo; Elogio; Autoestima.

OLD AGE PRAISE: RESEARCH ON THE PERCEPTION OF THE ELDERLY BODY IN BRAZIL

Abstract: This article aims to discuss the social construction of old age in Brazil, based on a survey of some historical reports that contribute to the analysis of the evolution of life expectancy. Thus, it is intended to raise aspects of the domination of the elderly body in a historically unequal society. There is also a survey on the praise referred to the elderly, as a way to exemplify their desired social place and the way they see themselves in marking their identity and positioning in relation to other age groups. It is concluded that its productivity position manages to overcome the criticism about physical factors that mark the representation of old age.

Keywords: Old Age; Body; Praise; Self Esteem.

*“De que serve a juventude,
quando corrompida pelo veneno de uma hipocondria senil?”
(Elogio da Loucura)*

O título desse trabalho faz uma alusão ao célebre ensaio *Elogio da Loucura*, de Erasmo de Roterdão, publicado em 1511, considerado uma das mais influentes obras da Reforma Protestante. Aqui, nossa análise é dividida em duas partes: na primeira, tem-se como objetivo traçar um apanhado histórico sobre a compreensão do sujeito idoso no país; e na segunda parte, apresentam-se os resultados de uma pesquisa quantitativa na qual se pergunta que elogios são

¹ Bacharel e mestre em Comunicação e doutorando do PPGCOM da PUC-Rio. Integrante do Grupo de Pesquisa “Narrativas da vida moderna na cultura midiática – dos folhetins às séries audiovisuais”. Áreas de pesquisa: velhice; identidade; masculinidade. <https://orcid.org/0000-0002-6071-1360>

esperados por quem tem a partir de 60 anos e de que forma eles se veem como sujeitos inseridos em contexto social.

Tomando como premissa a complexidade da sociedade brasileira, os embates e controles de corpos são uma forma de gerenciamento de poder. Suas consequentes divisões e hierarquização permitem essa gerência de acordo com as estruturas vigentes. As crises nem sempre são passíveis de discussão, mas silenciadas por uma dominação estrutural ao longo da história.

(...) Como toda sociedade dependente, colonial e periférica, a nossa tem um alto nível de conflitos e de crises. Mas entre a existência da crise e o seu reconhecimento existe um vasto caminho a ser percorrido. Há formações sociais que logo buscam enfrentar as crises, tornando-as como parte intrínseca de sua vida política e social, enquanto que, em outras ordens sociais, a crise e o conflito são inadmissíveis. (...) Tudo indica que, no Brasil, concebemos os conflitos como presságios do fim do mundo, e como fraquezas – o que torna difícil admiti-los como parte de nossa história (DAMATTA, 1997, p. 183).

Entre os diversos processos que constroem o sujeito envelhecido no Brasil, há intensificação das práticas efetivadas pelas políticas públicas desde a redemocratização, o que determina mudanças nas classificações etárias fortemente relacionadas ao envelhecimento populacional.

Para fins metodológicos, alguns institutos consideram como idoso o indivíduo a partir dos 60 anos – como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério da Saúde. Ainda assim, é possível visualizar diversos aspectos sociais que reforçam o estudo sobre velhice brasileira como objeto heterogêneo e de atravessamentos complexos. Em 2020, o IBGE contabilizara 32 milhões de idosos no país, com previsão de aumentar para 67 milhões em 30 anos.

Envelhecer no “jovem” Brasil

O século XX assistiu à população global sair de 1,6 bilhão em 1900 para 6 bilhões em 2000, puxada pelo aumento da expectativa de vida e queda da mortalidade infantil. O Brasil despertou em 1900 com uma expectativa de 33,4 anos, e dormiu em 2000 com 69,9 anos. Um século antes do início dessa transformação planetária, a Europa estava mergulhada em guerras napoleônicas e o Brasil seria rota final da fuga da família real, em 1808, experimentando pela primeira vez ser centro do poder do império português.

A partir de relatos trazidos por Gilberto Freyre [1900-1987], em seu clássico *Casa-grande e senzala* ([1933] 2003), exemplifica-se como se deram, no país, as alterações etárias no campo simbólico. Nos séculos XVII e XVIII, viajantes impressionados comentavam em diários de viagem que uma mulher antes de completar 18 anos já era considerada velha.

(...) Quase todos os viajantes que nos visitaram durante o tempo da escravidão contrastam a frescura encantadora das meninas com o desmaiado do rosto e o desmazelo do corpo das matronas de mais de dezoito. De Mrs. Kindersley (...): as senhoras “ficavam com o ar de velhas muito depressa” (“*they look old very early in life*”). Seus traços perdiam a delicadeza e o encanto. O mesmo notou Luccock no Rio de Janeiro. Olhos vivos, dentes bonitos, maneiras alegres — tal o retrato que nos traça de meninas de treze ou quatorze anos. Aos dezoito anos, já matronas, atingiam a completa maturidade. Depois dos vinte decadência. Ficavam gordas, moles. Criavam papada. Tornavam-se pálidas. Ou então murchavam. Algumas, é certo, tornavam-se fortes e corpulentas como o original de certo retrato antigo, que hoje se vê na galeria do Instituto Histórico da Bahia: mas feias, de buço, um ar de homem ou virago (FREYRE, 2003, p.430-431).

Ainda a respeito do período Brasil-colônia, no século XVII, Freyre (2003) conta que um observador holandês, em Pernambuco, relatara que as jovens mulheres brasileiras “perdiam os dentes; e pelo costume de estarem sempre sentadas, no meio das mucamas e negras que lhes faziam as menores coisas, andavam ‘como se tivessem cadeias nas pernas’” (2003, p.431). Sobre o meado do século seguinte, há relatos como o do etnógrafo alemão Karl von den Steinen, de 1885, e que Freyre assim reproduz: “Estas brasileiras, aos doze e treze anos, quando já na puberdade, e a mãe começa a pensar seriamente em casamento, encantam e enleiam com sua beleza florescente. (...) Pena que (...) seu encanto só durasse mesmo até os quinze anos” (FREYRE, 2003, p. 431).

Dando salto histórico até os primeiros registros iconográficos da população indígena no Brasil, no século XVI, há pertinentes indícios de como a velhice era retratada. Em sua pesquisa sobre canibais em território brasileiro, o historiador colombiano Yobenj Chicangana-Bayona (2017) analisa como, em várias xilogravuras, as indígenas velhas “encarnam o que é mais temido e odiado dos índios e suas práticas. Na visão dos cronistas, elas não só são as mais gulosas e incorrigíveis, como também as incitadoras do canibalismo” (CHICANGANA-BAYONA, 2017, p.151), por isso são retratadas como sádicas nos rituais de vingança contra o inimigo. As velhas aparecem, quase sempre, zombando das vítimas antes de degolarem-nas sob canto e dança. Elas preparavam os cozidos e separavam as partes que seriam comidas por todos.

A representação das velhas tupinambás chupando os próprios dedos seria alusão à falta de dentes, “só podendo chupar e sorver sangue e gordura, mas não morder a carne”

(CHICANGANA-BAYONA, 2017, p.146). Na imagem abaixo, como se percebe, a segunda mulher do canto esquerdo é assim representada. Segundo Chicangana-Bayona (2017), há uma associação entre a experiência das velhas no canibalismo e a leitura europeia do corpo degenerado repleto de vícios.

Gravuras sobre o consumo das vítimas mostram que todos os tupinambás participavam do banquete – jovens, velhos, homens, mulheres e crianças. Mas, na visão europeia escandalizada com o Novo Mundo, apenas a mulher ocupava posição decrépita, porque acreditava-se que era dissimulada, “propensa a cair em tentação, um ser inferior e imperfeito, relacionada à falta de moderação” (CHICANGANA-BAYONA, 2017, p.171). A representação da mulher velha, que potencializa essa inferioridade, fazia parte da cultura cristã da Europa. Basta lembrar que a temática de bruxaria era tida como heresia pela Igreja. Vem dos séculos XV e XVI a representação de bruxas como “mulheres velhas, de seios caídos, pele enrugada e rostos grotescos” (CHICANGANA-BAYONA, 2017, p.167). A valorização do feminino se dá pela juventude, que seria perdida pelo acúmulo de pecados, desgastando o corpo e a alma.

O que os relatos dos viajantes europeus do século XVII têm em comum com as gravuras sobre os tupinambás? A questão etária registrada é sempre a feminina, quase não há relatos sobre a velhice masculina. Listamos entres os motivos por que ela não chama atenção: 1. os relatos são sempre do ponto de vista do homem sobre a mulher; e 2. por mais que a construção da velhice passe por diversos atravessamentos, que incluem estruturas políticas e econômicas, a masculinidade permite experimentar resquícios de poder mantidos na velhice. A fragilidade e animalidade do corpo masculino velho é compreendida mais tardiamente, pois há fluidez em se imaginar como as classificações por idade permeiam o campo simbólico de forma inconstante no processo civilizatório.

Ainda sob o ponto de vista histórico, cabe outro exemplo. Com a fuga da família real para o Brasil, país cuja expectativa média de vida não alcançava os 30 anos, era de se admirar a figura de D. Maria I [1734-1816], mãe do príncipe regente D. João VI, que entraria para a História sob a alcunha de “rainha louca” devido às alucinações que a perturbavam (WILCKEN, 2004). Ao desembarcar no Rio de Janeiro, aos 73 anos, a rainha foi carregada numa liteira por dois homens sob cortejo para a população. A historiadora Mary del Priore conta que “sua longevidade tinha o gosto do heroísmo. Ser velho, então, era roubar pequenos prazeres à vida, era assistir a corpo e espírito se paralisando por males físicos. Era aceitar a decrepitude” (DEL PRIORE, 2019, p 182).

A família real também trouxe, nesse momento, todo o fervor que a fazia uma das monarquias mais intimamente católicas da Europa. Atrasados nos estudos anatômicos que os italianos desenvolveram séculos antes, os médicos portugueses, sem autorização para dissecar cadáveres, “acreditavam que o coração dos velhos diminuía de volume com a idade, até desaparecer, o que provocava a morte” (DEL PRIORE, 2019, p 182). Com a proclamação da República, em 1888, a ideia de um “novo” país surgia para enterrar o arcaico. Freyre define que o Império morreu “sob as barbas brancas e nunca maculadas pela pintura do imperador D. Pedro II, ao passo que, em seu lugar, resplandeciam as barbas escuras dos jovens líderes republicanos, ávidos pelo poder” (FREYRE, 1974, p. 132).

E assim a população brasileira ao longo dos últimos dois séculos passa por verdadeira revolução etária, saindo de patamares de expectativa de vida irrisórios, comparados ao que se vivia na Grécia Antiga, para a atual equidade a níveis europeus. O envelhecimento populacional no país acompanha fenômeno percebido em diversas partes do mundo, a partir da difusão de técnicas de planejamento familiar, movimento feminista, aumento do conhecimento científico e do nível educacional, urbanização, maior acesso a serviços de saúde etc. A projeção de 2020 para a expectativa de vida do brasileiro chegou a 76,7 anos, dados divulgados pela Tábuas Completas de Mortalidade do Brasil², do IBGE, em 2017. Ainda assim, com a pandemia de Covid-19, perdeu-se quase dois anos de esperança de longevidade – ou seja, 74,8 anos, retornando ao patamar anterior a 2013.

Ainda na década de 1970, Freyre (1977) atentara que a crescente presença de idosos na sociedade cria “novas relações entre as categorias júnior, média e *sênior* que as constituem. São todas categorias a serem integradas num desenvolvimento global de sociedades” (FREYRE, 1977, p. 74). Desse modo, a liderança de uma categoria não deveria significar a exclusão de outra, mas uma conformidade de relações. Até porque, chegar à velhice satisfatoriamente realizado é um processo que atravessa medidas que tangem – e não excluem – infância e fase adulta. Como lembra Durkheim, “as categorias são representações essencialmente coletivas, elas traduzem antes de tudo estados de coletividade, dependem da maneira pela qual essa é constituída e organizada, da sua morfologia, das suas instituições religiosas, morais, econômicas etc” (DURKHEIM, 1989, p.45).

Esta introdução sobre as alterações históricas de visão da velhice tem relação com a pesquisa que trataremos mais a seguir, sobre os elogios a respeito do corpo velho.

² Disponível em <<https://cutt.ly/ZITXoSS>>. Agência Brasil. Publicado em 29/11/2018.

Corpo e poder na discussão etária

Ao entender que as classificações etárias passam por uma percepção visual sobre o outro, ou sobre o corpo do outro, e que essas percepções estão atreladas a um imaginário de capacidades física e psíquica, é necessário que se apresente algumas percepções sobre a utilização do corpo como lugar de existência, agregando signos culturais e sendo interpretado de acordo com o exercício de poder.

Em “Algumas formas primitivas de classificação”, que faz parte do livro *Ensaio de Sociologia*, Marcel Mauss e seu tio Émile Durkheim chamam atenção para a relevância do poder social nas formas de classificação. Para os sociólogos, “toda classificação implica numa ordem hierárquica da qual nem o mundo sensível nem nossa consciência nos oferece modelo. Deve-se, pois, perguntar onde fomos procurá-lo” (DURKHEIM, 2009, p. 403). Além disto, todo tipo de classificação seria especulação da realidade, com a finalidade de tornar compreensíveis as relações entre os seres, antes mesmo de ser utilizado como modo de ação. Mauss e Durkheim (2009) defendem que as formas de classificação são, assim, produto da necessidade humana de relacionar ideias, para que o conhecimento possa ser agrupado em campos específicos de compreensão – sejam eles grupos de gênero, cor, faixa etária, fator econômico, entre outros. Todos esses campos são, portanto, construídos por valores sociais.

Partindo dessa premissa, o recorte de gênero, por exemplo, carrega consigo características socialmente construídas, que reforçam diferenciações entre os sexos, muito além da questão biológica. A figura do homem, tal como a da mulher, traz atributos que marcam posição na sociedade, tipo de valorização econômica, papel desempenhado na família, no ambiente de trabalho, no lazer. Intrínseco ao exercício da masculinidade que o coloca em posição privilegiada em determinadas culturas, o indivíduo é primeiramente incorporado ao processo de homogeneização através do gênero, para depois passar por subdivisões.

Ainda que as diferenças de identidade sejam resultado de processos de produção simbólica e discursiva, a diferenciação por meio do qual elas são produzidas está longe de ser simétrica, e se perpetua até a velhice, visto que

(...) a identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas (SILVA, 2000, p.80).

O que é visto como “diferente” num contexto social ganha dimensão de destaque. As divisões podem ser da esfera de gênero, de cor, de sexualidade, de fator econômico, de nacionalidade e, também, de idade. As diferenças entre o masculino e feminino, por exemplo, são instrumentalizadas para controlar e cercear possibilidades.

Para entender de que forma o corpo é utilizado para meio de organização social, é importante trazer ao debate como Foucault (1987) entende as dimensões externas do corpo como visibilidade e, a partir disso, luta política. Se a referência é um corpo aparentemente “invisível”, no caso o corpo idoso, então este, como Foucault diz, “também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (FOUCAULT, 1987, p.28).

Isso possibilita entender como a representação de corpos é utilizada para aquisição de um saber ou mesmo instalação e manutenção de um poder. Corpos iguais são agrupados em uma mesma categoria, corpos diferentes são agrupados em outra (os diferentes). Dentre eles, há os corpos mais úteis e os menos úteis, os mais belos, os mais capazes, os mais produtivos, os mais dóceis, entre tantas definições. A este entendimento se aplica o exercício de poder, uma força externa ao indivíduo, mas dele oriunda; a que Foucault classifica de “tecnologia política do corpo” (FOUCAULT, 1987, p. 28). Ou seja, há uma compreensão do saber do corpo que não passa pelo seu estado, e um controle de forças que não depende dele. O corpo é instigado a dar retorno de acordo com a incidência de poder que age sobre ele, e que o mesmo absorve. Por exemplo: o que se espera do corpo feminino jovem é que seja reprodutor, o que se espera do corpo masculino jovem é que seja viril e forte, e assim por diante.

Muito além de determinar aspectos de aparência, o envelhecimento delimita o comportamento que se anseia da outra pessoa. Ao defender que é impossível separar “biologia” e “cultura” na espécie humana, o antropólogo Roberto DaMatta sugere que a invenção da cultura foi “a grande responsável por mudanças básicas na nossa estrutura neurobiológica e anatômica. O corpo somatiza a cultura, bem como épocas históricas” (DAMATTA, 2021)³. Assim como para o também antropólogo José Carlos Rodrigues, “a cultura, distintivo das sociedades humanas, é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social” (DAMATTA, 1975, p.11). Outro autor que trabalha a ideia de corpo como instrumento político, o sociólogo francês David Le Breton prefere a hipótese de que “a

³ Anotações de aula, na disciplina Tópicos Especiais I, proferida pelo prof. Dr. Roberto DaMatta, no primeiro semestre de 2021.

sociologia aplicada ao corpo se distancia das asserções médicas que desconhecem as dimensões pessoal, social e cultural de suas percepções sobre o corpo” (BRETON, 2010, p.36).

Na questão etária, vê-se que, ainda que visível por aspectos físicos, o envelhecimento é delimitado por substratos sociais que são variáveis entre sujeitos, de cultura para cultura, de época para época. Logo, não é possível pensar a velhice sem o componente histórico-cultural no qual se insere.

Pelo caráter biológico, o processo do envelhecimento é carregado por alterações nos aspectos motores, funcionais e psicológicos; entretanto há ainda o caráter psicossocial, que impregna sentidos antagônicos à velhice. Por um lado, o corpo idoso pode ser valorizado como símbolo da sabedoria, responsável pela manutenção da memória de seu grupo social; por outro, pode ser entendido como improdutivo, dependente, um peso orçamentário. É esta última a compreensão que se faz quando se discute, por exemplo, reforma da previdência – o idoso como dependente do Estado.

Pensar o corpo como aglutinador de fatores é uma visão que nasce com Marx e Engels, para quem o corpo é resultado de cultura. A crítica marxista a condições operárias da Revolução Industrial não deixa de ser uma análise sobre como funciona a organização social dos corpos, inserida no contexto de dominação e, por isso, sendo urgente a necessidade de modificações. À luz dos avanços tecnológicos, Marx ([1867] 1998, p.451) acreditava que a maquinação do processo industrial tornaria “supérflua a força muscular”, abrindo novas frentes de emprego de trabalhadores sem esta característica, o que daria oportunidade a mulheres e aos mais velhos. O aproveitamento, entretanto, ocorreu em curtos momentos, como em períodos de guerra. O que permite supor que estas exceções são recursos do capitalismo para manter o padrão de equilíbrio do capital, ao invés de se buscar inserção de grupos marginalizados do sistema produtivo. Saindo a força muscular como base de produção, os mesmos agentes agora são realocados, sem abrir brechas nas possibilidades de comando.

O corpo idoso, descartado pelas fábricas após décadas de serventia, e ignorado pela sociedade, tende a ser um corpo improdutivo do ponto de vista industrial, mas também um corpo desqualificado do ponto de vista social. Os idosos perdem esse pertencimento no momento em que já não são produtivos – homens pela força, mulheres pela fertilidade. Na atualidade, corpos que não produzem perdem capital simbólico. Como se verá na segunda parte desse trabalho, na pesquisa quantitativa, o elogio relacionado ao trabalho é o que mais agrada aos entrevistados, o que se explica pela sua importância relacionada à capacidade de agregar valor simbólico ao corpo que produz.

Na Modernidade, o corpo idoso, tirado da compreensão de capacidade física e intelectual, é imediatamente sucumbido ao esquecimento. As rugas devem ser evitadas, os cabelos brancos precisam ser tingidos, a dentadura deve ser omitida, a bengala é sinal de ineficiência, a fala vagarosa e o pensamento esquecido são reflexos de descontinuidade, a diminuição da potência sexual é reflexo de masculinidade enfraquecida, o andar arrastado não condiz com a velocidade do tempo urgente e, por último e igualmente importante, a associação com a proximidade da morte impossibilita a crença no futuro. Porém, mais do que belo, é preciso que se tenha um corpo útil. Este aspecto se mostra bem ilustrado na pesquisa que foi realizada para este trabalho.

Antes de trazemos os dados registrados, é necessário que se reforce que a compreensão biológica sobre o corpo, amparada pelos avanços científicos, favoreceu o pensamento de que o corpo envelhecido é mais vulnerável, prestes a adoecer ou a ser interrompido. Vem daí a prática de controle sobre o corpo idoso, a ser vigiado, alimentado, amparado. Vigia-se até com quem ele pode se relacionar. Em plena pandemia de Covid-19, que avança no país desde março de 2020, aos idosos também foi designada a classificação de “grupo de risco”, pela sua inicial vulnerabilidade à doença.

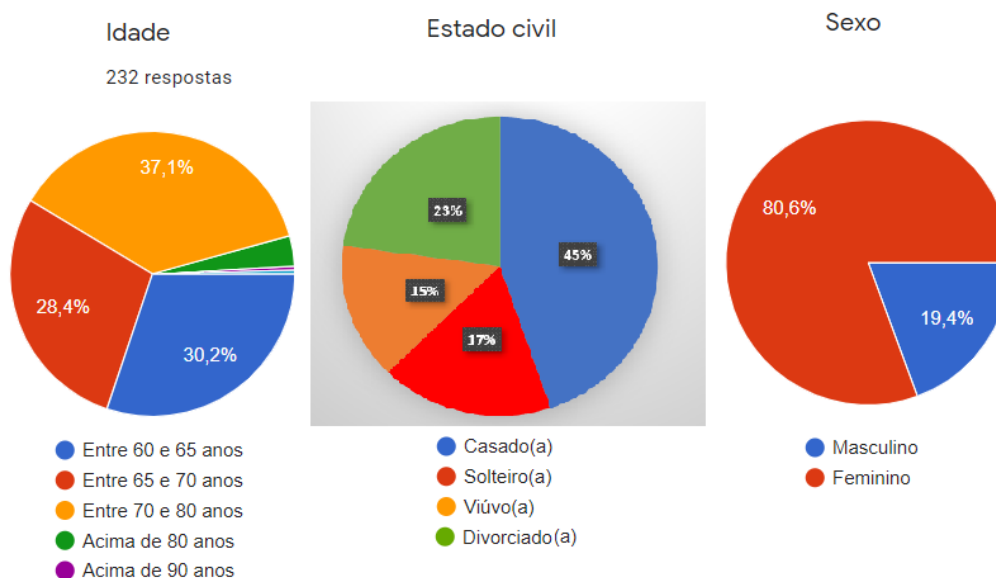
Uma contradição que se percebe: é da posse do idoso um corpo interpretado no processo de degeneração, mas não é mais de sua posse o que este corpo pode cumprir, estando sob rígida vigilância moral. Essas construções do corpo idoso/velho traduzem o olhar sobre o outro, homogeneizando sua interpretação. Do mesmo modo – seguindo Le Breton (2010), para quem o corpo é vetor semântico pelo qual a relação com a realidade é construída, – o controle da gestão social do corpo é determinante para manutenção de um poder econômico e cultural, majoritariamente padronizado na ideia de produtividade.

Pesquisa dos elogios

Como metodologia da presente pesquisa adotada, foi realizado um questionário online de forma anônima, no qual se pergunta, num primeiro momento: idade, sexo e estado civil. Por entendermos que os recortes de gênero e idade poderiam influenciar em diferenças significativas nas respostas, e também compreendendo a heterogeneidade do que se classifica como velhice, preferimos organizar as faixas etárias em: 60-65 anos, 66-70 anos, 71-80 anos; acima de 80; acima de 90.

O questionário foi respondido por um grupo de 232 pessoas entre os dias 24 de junho e 02 de julho de 2021. Em nove dias, foi enviado um link com o formulário contendo, ao todo, nove questões. Em alguns casos, parentes precisaram auxiliar os idosos com o acesso à internet, a fim de que eles respondessem de forma oral e, em seguida, que a marcação fosse realizada de forma precisa por terceiros. Isso é importante de ser mencionado, visto que pode ter havido interferências externas nas respostas – como a própria percepção do idoso em mascarar suas compreensões. Ainda assim, a pesquisa foi respondida, em sua maioria, pelos próprios, sem auxílio de terceiros, com a utilização de celulares. Por ainda estar em curso a pandemia de Covid-19, o auxílio de ferramentas digitais na pesquisa possibilitou maior zelo com os informantes, evitando qualquer aproximação física com os mesmos.

Gráfico – Perfil dos entrevistados



Como se percebe, há um equilíbrio maior no quantitativo das três primeiras faixas etárias: 60-65 anos, 66-70 anos, 71-80 anos (sendo esta a maior faixa, com 37,1% do total). Entretanto, a maioria das respostas é do sexo feminino, um pouco mais de 80%. Entre os entrevistados, 45% informaram que são casados, 37% são solteiros, 23% divorciados e 15% são viúvos.

No mesmo questionário, foi perguntado “Qual desses termos melhor te define?”, podendo ser selecionada mais de uma resposta entre seis opções ou ainda a oportunidade de ser incluído um outro adjetivo qualquer. A maioria, 36,6%, prefere ser chamada de “aposentado”, seguida por “terceira idade”, com 30,2%, e “idoso”, com 26,3%. “Grupo de

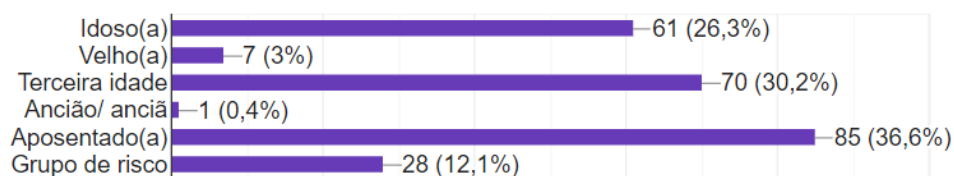
risco” teve identificação com 12,1% dos informantes, “velho” apenas 3% e, por fim “ancião” com 0,4%. Entre os adjetivos extras que foram incluídos pelos informantes, tem-se menção individual de: “ativa”, “menina”, “cidadão”, “melhor idade”, “resistente”, “madurescência”, “flor da idade”, “madura”, “jovem” “senhora” e “adulto”.

Ressalta-se que o termo “grupo de risco”⁴ passou a ser designado mais recentemente no debate público e por parte da mídia em referência aos idosos principalmente com o avanço da pandemia de Covid-19 no país, desde março de 2020.

Gráfico – Termo definidor

Qual desses termos melhor te define? (Pode marcar quantas respostas quiser)

232 respostas



Em seguida, “Que elogio gosta de receber?”, podendo marcar quantas respostas quisesse e incluir algum outro elogio que não estivesse relacionado na listagem. “Você tem muita coisa para ensinar” foi assinalado por 107 pessoas, ou 46,1% do total, seguida de um quase empate pelo elogio “Você é uma pessoa ativa com seu trabalho”, segunda resposta mais assinalada, por 106 pessoas, 45,7% do total. Apenas em terceiro lugar surge o elogio sobre a aparência física, “Nem parece a idade que tem”, com 43,5% dos entrevistados, ou 101 respostas.

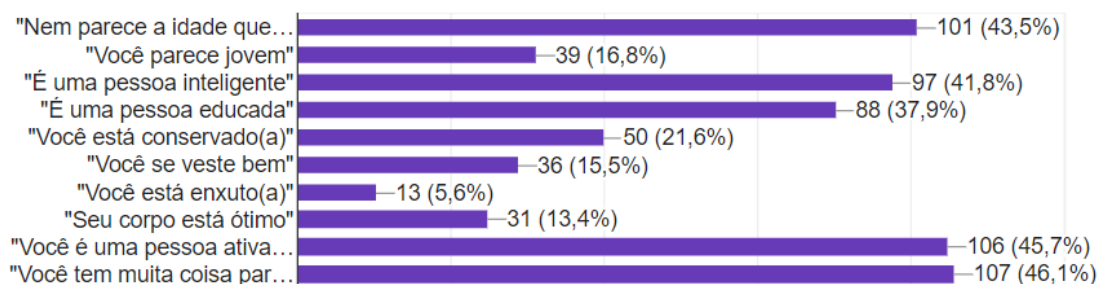
Em *Você sabe com quem está falando?*, DaMatta (1997, p.192) reforça que “as relações podem começar marcadas pelo eixo econômico do trabalho, mas logo depois adquirem uma tonalidade pessoal”. Ou seja, aparentemente “as perplexidades de uma estrutura social em que a hierarquia parece estar baseada na intimidade social”.

⁴ São considerados grupo de risco para agravamento da Covid-19, além dos idosos: portadores de doenças crônicas (diabetes e hipertensão, asma, doença pulmonar obstrutiva crônica), fumantes, gestantes, puérperas e crianças menores de 5 anos. Existem estudos que também incluem nesta categoria os grupos de portadores de enfermidades hematológicas (anemia falciforme e talassemia), doença renal crônica em estágio avançado, imunodepressão provocada pelo tratamento de condições autoimunes (lúpus ou câncer), obesidade e doenças cromossômicas com estado de fragilidade imunológica.

Gráfico – Elogios

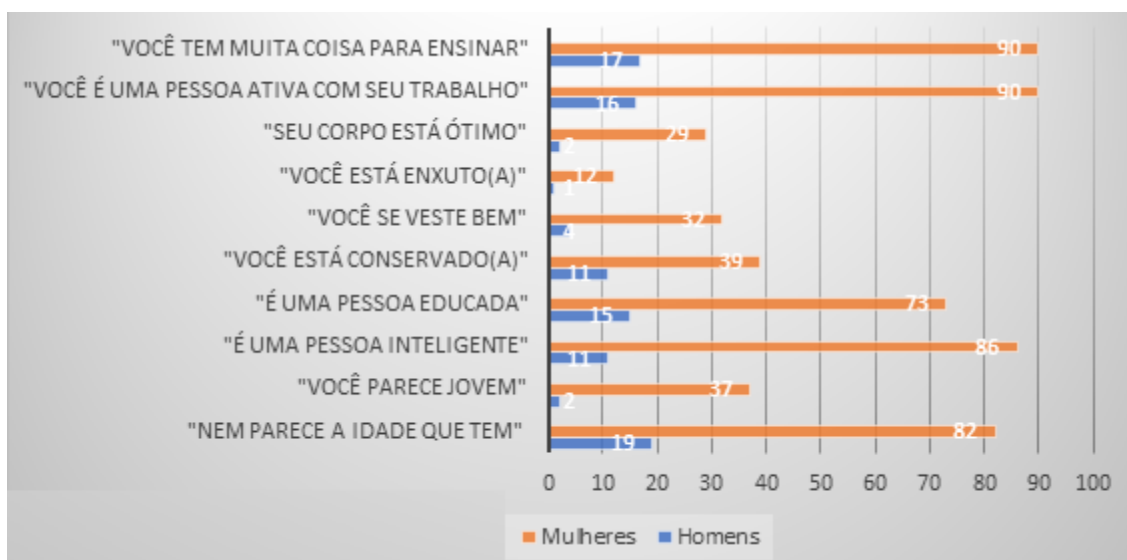
Que elogio gosta de receber? (Pode marcar quantas respostas quiser)

232 respostas



Entretanto, neste ponto há uma mudança de perspectiva se separarmos as respostas por fator de gênero (gráfico a seguir). É interessante perceber que, entre as mulheres, maioria entre os entrevistados, permanece como principal elogio o que se refere à atividade de trabalho e ensinamentos a serem transmitidos. Já entre os homens, o elogio mais receptivo é o que se refere a não parecer ter a idade que tem.

Gráfico – Elogios divididos por gênero

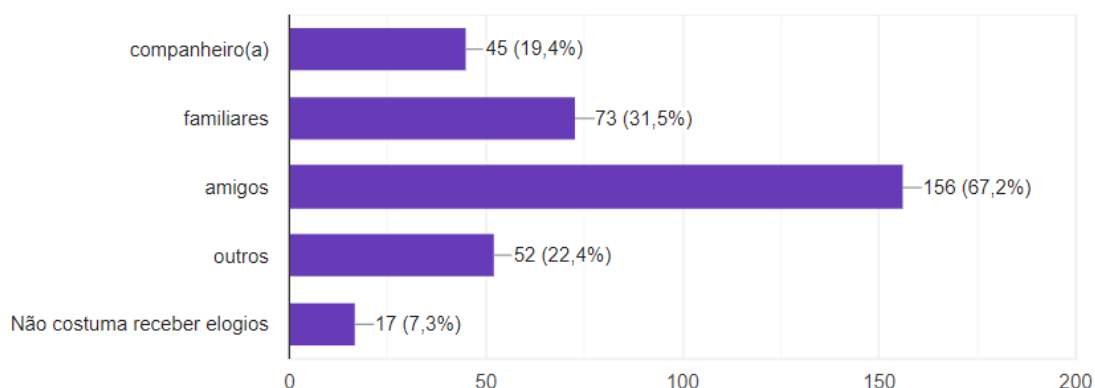


Do total de 232 entrevistados, 156 pessoas disseram que os elogios partem, majoritariamente, dos amigos (67,2%), seguido por familiares (31,5%) e, 7,3% assumem que não recebem elogios de ninguém. Como se vê no gráfico abaixo:

Gráfico – Quem pratica o elogio

Quem mais te elogia no dia a dia?

232 respostas

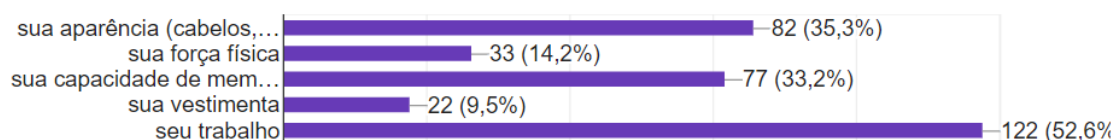


Também foi perguntado: “O que você gosta que elogiem?”. O trabalho aparece bem na frente de aparência (cabelo, pele, rosto) e da memória, só depois vêm a força física e a vestimenta. Ou seja, se repete aqui a questão do trabalho, da vitalidade de se exercer uma atividade importante para a sociedade, como algo elogioso de extrema relevância para o grupo da velhice.

Gráfico – Aspecto a ser elogiado

O que você gosta que elogiem?

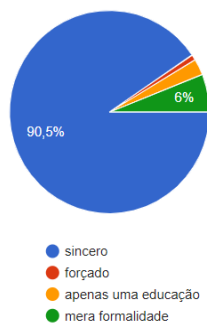
232 respostas



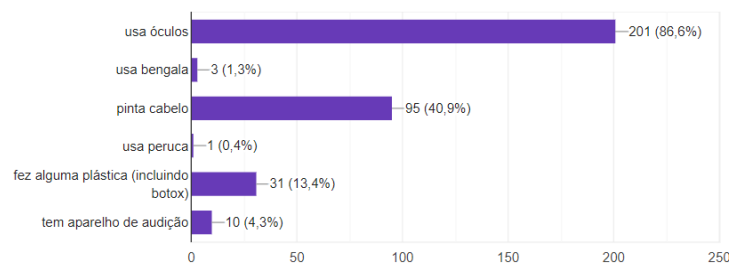
Perguntamos ainda se os entrevistados reconhecem que os elogios costumam ser sinceros, algo confirmado pela maioria – 90,5%. Apenas para fins de caracterização estética desse grupo, finalizamos perguntando se apresentam algum tipo de objeto/ acessório com regularidade ou que tenham realizado alguma interferência estética no corpo. A maioria usa óculos (86,6%), mas um número considerável admite pintar cabelo (40,9%) ou já ter feito cirurgia (13,4%).

Gráfico – Reação ao elogio e aspectos da aparência

Geralmente você reconhece que o elogio é:



Marque se você:



É importante o levantamento sobre a utilização de objetos que ajudam a definir um grupo social, pois bengalas e óculos, por exemplo, compõem representações sobre velhice, e ajudam a codificar o fato social na formatação de comportamentos e significados para a identidade (ROCHA, 2001). Por fim, conclui-se a complexidade de se definir velhice, categoria que passa por diversas transformações no país, marcado historicamente por desigualdades sociais. Ainda que haja interpretação subjetiva sobre as formas de elogio, elemento para valorização do indivíduo, é pertinente que se pense sobre as consequências diretas em sua autoestima.

Considerações finais

Propondo discussão sobre as transformações do entendimento da velhice ao longo da construção da sociedade brasileira, dividiu-se a análise em duas partes: na primeira, um apanhado histórico sobre a compreensão do sujeito idoso no país e, na segunda, a apresentação dos resultados de uma pesquisa sobre elogios esperados pelos idosos, como forma de interpretar como eles se veem inseridos no contexto social.

A qualidade de vida na velhice não passa unicamente pela aceitação pessoal ou familiar do indivíduo na sua condição biológica, mas também da sociedade em valorizá-lo. A pesquisa a respeito dos elogios que idosos gostam de receber aponta para interpretações sobre suas vivências sociais. Entre as mulheres, os elogios mais pertinentes se referem a trabalho e ensinamentos; e entre os homens, referentes à aparência que não condiga com a idade real.

O Brasil, que no último século presenciou seu gradativo envelhecimento populacional vindouro a partir de conquistas sociais em meio a transformações políticas, precisa lidar com a temática da velhice com urgência, para que se persiga, de fato, uma democracia igualitária. Portanto, uma possível conclusão sobre o elogio da velhice é que a mesma necessita de inserção

social através da visibilidade, a se valorizar acúmulo de sabedoria e experiência. Idosos são alicerces de contribuição para sociedade mais justa.

Referências bibliográficas

- CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo. *Imagens de canibais e selvagens do novo mundo*. Do maravilhoso medieval ao exótico colonial (séculos XV-XVII). Campinas: Ed. Unicamp, 2017.
- DAMATTA, Roberto. Você sabe com quem está falando? In: *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. *Você sabe com quem está falando?: Estudos sobre o autoritarismo brasileiro* (eBook). 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2020.
- _____. Anotações de aula, na disciplina Tópicos Especiais I, proferida pelo prof. Dr. Roberto DaMatta, no primeiro semestre de 2021. PPGCOM PUC-Rio.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Paulinas, 1989.
- DEL PRIORE, Mary. *D. Maria I. as perdas e as glórias da rainha que entrou para a história como “a louca”*. São Paulo: Benvirá, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Ligia M. Ponde Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª edição. São Paulo: Global Editora, 2003.
- FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*, 3. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- MAUSS, Marcel e DURKHEIM, Émile. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política: O processo de produção do capital*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- ROCHA, Everardo. A mulher, o corpo e o silêncio: a identidade feminina nos anúncios publicitários. *Revista Alceu*, v.2, n.3. Rio de Janeiro, Jul./dez. 2001.
- RODRIGUES, José Carlos. *O Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1975.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.
- WILCKEN, Patrick. *Império à deriva*. A corte portuguesa no Rio de Janeiro, 1808-1821. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.